

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Curso de especialização em História da África**

**LITERATURA INFANTIL: IDENTIDADE E EMPODERAMENTO**

ROSANA APARECIDA DE OLIVEIRA SANTOS

Juiz de Fora  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SANTOS, Rosana Aparecida de Oliveira.  
LITERATURA INFANTIL: IDENTIDADE E EMPODERAMENTO /  
Rosana Aparecida de Oliveira SANTOS. – 2016.  
33 f.

Orientador: Luiz Henrique PASSADOR  
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.  
Especialização em História da África, 2016.

1. Literatura. 2. Identidade. 3. Empoderamento. I. PASSADOR, Luiz Henrique, orient. II. Título.

ROSANA APARECIDA DE OLIVEIRA SANTOS

**LITERATURA: IDENTIDADE E EMPODERAMENTO**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao curso de Especialização de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em História da África.

Orientador: Professor Doutor Luiz Henrique Passador.

Juiz de Fora

2017

Aluna: Rosana Aparecida de Oliveira Santos

LITERATURA: IDENTIDADE E EMPODERAMENTO

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao curso de Especialização de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em História da África.

Aprovado em : \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Nome do professor da instituição

---

Nome do professor da instituição

---

Prof. Dr. Luiz Henrique Passador - UNIFESP (orientador)

Para todos os educadores que acreditam no potencial humano, democrático de direitos, que respeita e valoriza as diferenças como condição fundamental ao exercício pleno da cidadania.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que é a razão da minha vida. Ao meu orientador professor Dr. Luiz Henrique Passador que esteve comigo nesta reta final de trabalho me orientando me fazendo desconstruir e construir um novo olhar frente a minha proposta de conclusão de curso. A minha mãe Adélia, pela dedicação e amor incondicional. Ao meu filho Arthur maior presente de Deus na minha vida. Amo vocês! Obrigada por tudo!

*“ A luz com que vês os outros, é a luz com que os outros te vêem a ti”.*  
*(Provérbio Africano)*

## **RESUMO**

O presente trabalho monográfico tem como objetivos refletir como tem ocorrido a implantação da lei nº 10.639\03 nas escolas e questionar a realidade escolar na tentativa de enfrentar problemas de identidade e baixa autoestima de nossos alunos afrodescendentes, promovendo o reconhecimento e o respeito à diversidade étnico-racial. O estudo foi desenvolvido a partir de uma experiência bem sucedida de intervenção didática realizada junto a uma turma de estudantes das séries iniciais do ensino fundamental em uma escola pública de Juiz de Fora, e a partir e de pesquisa bibliográfica sobre o tema.

**Palavras-chave:** Literatura. Identidade. Empoderamento.



## ABSTRACT

The objective of this monographic work is to reflect how the implementation of Law No. 10,639 \ 03 has occurred in schools and to question the school reality in the attempt to face problems of identity and low self-esteem of our Afro-descendant students, promoting the recognition and respect for ethnic diversity -racial. The study was developed from a successful experience of didactic intervention carried out with a group of students from the initial grades of elementary school in a public school in Juiz de Fora, and from bibliographic research on the subject.

**Keywords:** literature. Identity. Empowerment.

## SUMÁRIO

DESENVOLVIMENTO .....	10
INTRODUÇÃO.....	12
1 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO: PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	14
2 IDENTIDADE E MPODERAMENTO.....	15
3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES: O MATERIAL DIDÁTICO.....	17
4 AVALIAÇÃO.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6 ANEXOS: PORTFÓLIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS ...	24
7 REFERÊNCIAS.....	31

## DESENVOLVIMENTO

Sou graduada em Normal Superior e Pós-Graduada em Práticas de Letramento e Alfabetização. Há 16 anos atuo como professora mais especificamente na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

Nasci em Juiz de Fora onde resido desde então. Meus pais não tiveram oportunidade de prosseguirem seus estudos, mas desde pequena venho escutando deles muitas histórias e “causos”. Acredito que todas as pessoas são leitoras e esse fato independe do seu nível de letramento. Segundo Vygotsky (apud TAROCCO, 1994, p. 90) “a criança é um leitor em potencial e a escola não é o principal responsável, mas também a família e a sociedade”. Foi daí meu interesse por livros e pelas suas histórias.

Desde meu contato com a educação infantil até me tornar especialista em Práticas de Alfabetização e Letramento tive pouco contato com a disciplina História e nenhum contato com a disciplina História da África. Só ouvia histórias sobre escravos, de um povo sofrido, sempre submisso. E algumas novelas que retratavam as senzalas, o chicote, a punição. Nada diferente do meu imaginário até então. Mais tarde ouvi falar de cotas, de equidades de direitos, mas não me aprofundi no assunto, e as escolas por onde passei não abordavam essa temática.

No meu espaço de atuação enquanto docente comentava-se de uma lei que tornaria obrigatório o ensino da História da África e dos Povos Indígenas. Mas não houve uma reflexão sobre a temática. E esta lei se concretizou apenas em algumas atividades desenvolvidas no dia 20 de novembro que é o dia da Consciência Negra. O indígena continuou trabalhado apenas no dia 19 de abril, sem aprofundamento. Ou sempre representado de formas estereotipada com adornos de penas e arco e flecha.

Nem se pensava em se fazer um mapeamento do imaginário dos professores sobre os afrodescendentes ou sobre os indígenas, mesmo que de acordo com a lei n. 10.639/03 este tema devesse ser abordado por nós educadores.

Trabalhando uma sequência didática com meus alunos de segundo ano, com o livro *O Cabelo de Lelê*, da autora Valéria Belém, pude perceber que apesar da maioria das crianças da sala serem negras, muitas delas não se

reconheciam e/ou se valorizavam como tais. Isto me fez começar uma reflexão e depois de muitas rodas de conversas entendi que se reconhecer como negras era pesado demais para aquelas crianças, que tinham nas costas o peso do preconceito instaurado ao longo da nossa história, ora de forma velada, ora com o poder da palavra e dos atos discriminatórios explicitados.

Simultaneamente surgiu a possibilidade de eu ingressar numa pós em História da África na Universidade Federal de Juiz de Fora. Eu me inscrevi e fiquei cruzando os dedos para ser selecionada como cursista. E deu certo, fui selecionada e estou muito feliz em fazer parte deste curso, que vem me transformando para melhor por dentro e por fora, descortinando meu olhar, aprendendo lições de amor, reconhecimento, respeito, identidade e me dando subsídios para exercer minha profissão e ajudar meus alunos a recuperarem sua auto-estima como afrodescendentes, e desenvolverem sua capacidade de exercer sua cidadania. É o que trataremos a seguir.

## INTRODUÇÃO

A sociedade espera que a escola cumpra seu papel de ir além do desenvolvimento de habilidades, de tornar o conteúdo significativo tendo a educação num sentido mais amplo tanto em termos de conteúdo intelectuais como morais e de valores em geral. Hoje se acredita que ter acesso à educação é condição fundamental para exercer a cidadania, (vida política, trabalho, autonomia, etc.). Entretanto a educação no Brasil encontra-se em condição precária. A baixa escolaridade da população contribui para a manipulação das pessoas, que não tem subsídios para exercer sua cidadania em prol da democratização da sociedade e de uma melhor qualidade de vida. A desconsideração da diversidade (étnico-racial, de classe, de gênero e sexual) favorece práticas como as de qualificar, classificar e punir sujeitos tidos como socialmente inferiores por portarem determinados marcadores de diferença. Isso se intensifica ainda mais nas nossas escolas quando se propõe a apresentar uma história sem criticidade, principalmente quando o assunto é África ou afrodescendência que com certeza não tem o mesmo destaque quando se trata de Europa, devido à transculturação do forte eurocentrismo que nos permeia. “O eurocentrismo é um dos grandes obstáculos que devem ser superados para que seja assegurado o acesso e a permanência dos diversos grupos étnico-raciais no sistema escolar brasileiro, que é uma reivindicação política e educacional dos grupos sociais marginalizados. Para tanto, é necessário a “[...] criação de um contexto favorável aos marginalizados e oprimidos, para a recuperação da sua história, da sua voz, e para a abertura das discussões acadêmicas para todos” (BONNICI, 2000: pág. 10)

Assim venho caminhando, aprendendo sempre e me surpreendendo cada vez mais com o curso de pós-graduação em História da África oferecido pela UFJF. É só o começo de uma longa estrada de desafios e vitórias que estão por vir. Acredito que a consciência histórica é formada quando estudamos criticamente a história, quando pensamos e refletimos sobre nossa história e nos reconhecemos reflexivamente nela. Quando descobrimos quem somos, descobrimos a existência dos objetos, dos lugares, das pessoas e das palavras.

Nesse sentido, as palavras de Raymond Aron são precisas:

"A consciência do passado é constitutiva da existência histórica. O homem tem realmente um passado a que ele tem consciência, pois só esta consciência introduz a possibilidade do diálogo e da escolha. Caso contrário, os indivíduos e as sociedades trariam consigo um passado que eles ignoram, que eles se submetem passivamente... Então eles não teriam consciência do que eles são e do que foram, eles não compreenderiam a dimensão da própria história". (ARON 1964 p.5)

Trazendo isso pra nossa realidade escolar acredito que precisamos fazer uma redefinição dos conteúdos da disciplina de História, incorporando novas práticas que contemplem realmente esta construção da consciência histórica, indo além da memorização de dados que parecem distantes do cotidiano e das experiências dos estudantes. Reflito em minha própria experiência e prática, no quanto de conteúdo e reflexão sobre a história deixei de ter acesso durante minha formação, no quanto isso dificultou a busca por vivências pessoais e coletivas não só minhas como dos meus alunos diferentemente do mero acúmulo de informações.

Essas constatações servem pra reafirmar a importância da formação do educador e do quanto é importante se ter consciência do trabalho que está sendo realizado. Há muito o que aprender, há muito o que fazer para vir à tona essa consciência histórica transformadora em detrimento dos dogmas positivistas escolares.

Os estudos em História da África tem me permitido entender que a História da África possui fortes vínculos e articulações com a nossa história e perceber também os estereótipos racistas que foram instaurados ao longo do tempo, na minha formação como pessoa e como profissional. De forma imperceptível, pois ainda não possuía tal consciência e certamente reproduzi preconceitos de senso comum, derivados de imaginários coletivos construídos ao longo do tempo, com uma visão muito negativa sobre os afrodescendentes.

A seguir apresento um projeto de intervenção didática a partir da leitura e trabalho sobre o livro *O cabelo de Lelé*, que tem por objetivo trabalhar elementos relacionados à História da África e à afrodescendência no Brasil, no sentido de desenvolver uma consciência histórica, crítica e reflexiva sobre o ser negro entre alunos e alunas do ensino fundamental:

## 1 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO: PROJETO DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção didática se baseia em uma experiência já desenvolvida com meus alunos e alunas do ensino fundamental numa escola pública de Juiz de Fora, na qual foi trabalhado o traço fenotípico dos cabelos como marcador de negritude e afrodescendência. A proposta de material didático aqui apresentada e portanto, a elaboração de uma intervenção a partir de uma experiência bem sucedida que será relatada a seguir. Nos anexos, como portfólio, podem ser encontradas imagens produzidas durante a atividade desenvolvida na escola, e a reescrita coletiva do livro trabalhado.

A referida experiência teve como objetivo trabalhar a consciência negra de acordo com as diretrizes previstas na promulgação da lei 10639/03 e também desconstruir alguns imaginários e estereótipos sobre a África. Baseia-se no livro *O Cabelo de Lelê*. No qual Lelê, a personagem principal da história não gosta do que vê. “De onde vem tantos cachinhos no seu cabelo?” Ela vive a se perguntar. E essa resposta ela encontra num livro sobre o continente africano, em que Lelê descobre sua história e a beleza da herança africana no Brasil.

Esta proposta de trabalho foi apresentada por mim numa Escola Municipal de Juiz de Fora, no segundo ano das séries iniciais do ensino fundamental.

Através da obra *O cabelo de Lelê*, pudemos desconstruir ideias estereotipadas sobre a África que detectei entre os alunos no decorrer do ano letivo. Por exemplo, certa vez quando trabalhávamos sobre animais, um aluno disse: “na África só tem bichos!” e que a “África é um país!”. Além de desconstruir esses estereótipos, trabalhar os valores e a história propiciou trabalhar o autoconhecimento e a diversidade, desenvolvendo a fantasia a imaginação e a autoestima das (os) alunas (as).

## 2 IDENTIDADE E EMPODERAMENTO

Comecei o trabalho contando a história *O Cabelo de Lelé*, deixando que as crianças manifestassem suas impressões e emoções após ouvirem a história. Apresentei a eles o mapa do continente africano, já com o objetivo de desconstruir a ideia que eles tinham de que a África era um país. Ideia esta que sondei antes de começar essa proposta de trabalho.

Fizemos uma roda de conversa onde pudemos trabalhar a oralidade. Desenhamos crianças com diferentes tipos de cabelos e fizemos uma exposição em sala de aula. Montamos uma oficina de salão de cabelo, com miçangas, turbantes, prendedores, laços, etc. Depois fizemos de forma coletiva a reescrita do livro. Considerei esses como recursos eficazes para concretizar o objetivo da aula e tornar os conceitos trabalhados mais sólidos. Além claro de promover a interação numa forma de aprendizagem organizada, com finalidades específicas, num processo de assimilação compatibilizados com o nível de preparo e desenvolvimento cognitivo dos alunos. A execução da atividade teve aceitação de todas as crianças que participaram com entusiasmo e demonstraram satisfação.

O processo de avaliação dos alunos que participaram da atividade, consistiu numa avaliação do desenvolvimento de uma consciência crítica por parte deles, no qual atuei como mediadora, não só quantificando ou medindo através de conceitos relativos ao sucesso ou fracasso escolar (em termos de acertos e erros), mas sim entendendo a avaliação como um processo, respeitando as diversidades e individualidades de cada educando. Desse modo, consegui um novo ponto de partida para novas intervenções. E quando notei que alguns alunos não foram capazes de atingir o objetivo previsto no meu planejamento após análise e pesquisa, adotei a seguinte conduta: voltei ao conteúdo tentando apresentá-lo de uma forma mais lúdica e mais próxima da realidade dos alunos trazendo para a sala de aula exemplos cotidianos, dando mais sentido e finalidade ao conteúdo exposto. A seguir fiz uma nova avaliação em que pude perceber que os objetivos por mim estabelecidos para enfim serem alcançados, o que já abriu novas perspectivas de como introduzir o próximo conteúdo.



Para a realização deste trabalho elegi como modalidade organizativa o trabalho com Sequência Didática, uma vez que segundo Machado e Cristóvão (2006, p.554)

[...] a sequência didática é defendida como uma abordagem unificada dos estudos de discurso e a abordagem dos textos, implicando uma lógica de descompartmentalização dos conteúdos e das capacidades: elas deveriam englobar as práticas de escrita, de leitura e as práticas orais. (MACHADO E CRISTÓVÃO 2006, p. 554 apud BRASIL, 2012 ano 02, unidade 06, p.21)

Este trabalho com sequência didática, abordou de forma interdisciplinar os conteúdos de História, Geografia e Língua Portuguesa. Utilizamos como recursos o referido livro *O cabelo de Lelê*, um mapa da África, espelho, lenços, pentes, prendedores, turbantes e laços.

### 3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES: MATERIAL DIDÁTICO

Abaixo encontra-se um quadro que procura sistematizar em etapas sucessivas as atividades que compõem a intervenção didática proposta que, como já apontado anteriormente, se construiu a partir de uma experiência concreta com estudantes das séries iniciais do ensino fundamental. A seguir ao quadro, segue a descrição das atividades desenvolvidas a cada etapa para que se possa compreender os conteúdos e as estratégias empregadas em seu desenvolvimento, cujo objetivo é dar subsídios para que educadores possam replicar tal intervenção didática em suas escolas. Encoraja-se a incorporação de novos elementos às atividades por parte de educadores que vierem a aplicá-las em suas escolas, uma vez que é pressuposto da intervenção proposta que ela trabalhe componentes da realidade dos alunos durante seu desenvolvimento.

Tempo estimado para a intervenção didática: uma semana, podendo se prolongar em função das demandas e dificuldades que porventura surjam no seu desenvolvimento.

1º momento	Apresentação do livro. Capa, contracapa, autor. Contação da história.
2º momento	Apresentação do mapa da África. Continente com vários países.
3º momento	Desenho de crianças com vários tipos de cabelos, baseado no livro. Exposição dos desenhos em sala de aula.
4º momento	Organizar um salão de beleza da Lelê. Levar para sala, lenços, turbantes, etc.
5º momento	Reescrita coletiva do livro, considerações das crianças e

	avaliação.
6º momento	As crianças trouxeram fotos de cabelos de pessoas fora da escola.

**1º momento:** Comecei explorando a capa do livro. As crianças descreveram da seguinte maneira: uma menina negra, com cabelo crespo, segurando um livro com o desenho de um mundo. Os alunos trabalharam mentalmente e tentaram com estímulos meus imaginar o conteúdo do livro, baseando-se no desenho da capa e associando-a à sua experiência de vida. Depois contei oralmente a história que o livro narra. Fizemos um comparativo entre o que os alunos pensaram ao ver a capa do livro e a minha narrativa do conteúdo do livro. Pudemos perceber que eles acertaram quando disseram que o livro tinha a ver com os cabelos da menina da capa mas ainda não tinham ideia que aquele mundo em forma de “globo” representava os vários países do continente africano. Após isso, cada aluno pode descrever como se via. Aspectos físicos, cor da pele, tipo de cabelo, cor dos olhos. Neste momento alguns não se reconheceram como negros e diziam que eram ‘morenos’, marrom, etc.

**2º e 3º momentos:** No dia seguinte, propus que fizéssemos desenhos de vários tipos de pessoas com vários tipos de cabelos. Desta forma trabalhamos conceitos de diversidade e questioneei com eles a respeito de quem somos e como somos. Aproveitei também para dar ênfase no mapa da África, mostrando o quanto ele era grande e que nele existiam vários países a fim de desconstruir a ideia comum de que a África é um contexto homogêneo ou “um país”.

**4º momento:** Na aula posterior sintetizaram os conhecimentos adquiridos numa oficina bem divertida, transformando a sala de aula num lúdico salão de beleza, em que trabalhavam seus próprios cabelos e de seus colegas, da qual todos participaram e gostaram muito. Os meninos demonstraram mais timidez devido à falta de oportunidades que eles têm de refletirem mais sobre seus sentimentos, suas emoções e preconceitos, e pelo fato de que um salão de beleza e os cuidados com a estética eram vistos por eles como elementos relacionados ao universo feminino. Isso inibe uma construção de uma nova relação entre mulheres e homens, que deveria ser

contemplada no espaço escolar com a discussão sobre gêneros. Mesmo receosos alguns meninos ousaram colocar um turbante na cabeça, porém não quiseram ser fotografados. Algumas meninas levaram maquiagem e complementaram o seu visual. O espelho que levamos pra a sala de aula não foi suficiente e pedimos autorização da direção da escola para utilizar o banheiro dos professores que tem um espelho grande. A diretora concordou e autorizou o uso do espaço.

**5º momento:** Por fim em outra aula, produzimos uma reescrita do texto de forma coletiva, onde fui a escriba, e aproveitamos para trabalhar dificuldades ortográficas, estrutura de texto ( com início, meio e fim), organizando e reorganizando as ideias trazidas pelos estudantes. Foi tudo muito tranquilo, todos participaram esperando sua vez de falar. Não houve divergências quanto às partes a serem escritas. A reescrita é muito importante no processo da autonomia da escrita, que está sendo construída nesta fase de desenvolvimento cognitivo e social na qual se encontram os alunos. Segundo Thereza Bordoni:

Historicamente, a escola desenvolveu-se como uma forma formidável de máquina do normalizar (...). Esse desejo de unidade apresenta um problema: empobrece progressivamente a diversidade dos modos de vida e de pensamento em prol de uma língua escolar, de um pensamento ortodoxo, de uma racionalidade exemplar, de uma sensibilidade e de uma ótica codificadas, de uma cultura de massa.”(BORDONI,2014)

Os alunos copiaram a reescrita e abrimos espaço para que cada criança pudesse relatar suas percepções, e sentimentos sobre o trabalho desenvolvido e apresentado. Abaixo copio alguns dos relatos produzidos por alunas que participaram das atividades, cujas conclusões apontam para uma reelaboração dos significados e do senso estético em relação aos seus cabelos, apontando para um reconhecimento e valorização de sua afrodescendência, da beleza negra e um conseqüente aumento da autoestima:

Relato 1: *Eu gostei porque agora entendo de onde vem esse meu cabelo assim, e que sou bem bonita*”. (Aryadyne, 8 anos).

Relato 2: *Tia, eu vi na televisão uma propaganda que fala que em terra de chapinha quem tem cacho é rainha*". (Giovanna, 8 anos).

Relato 3: *Amanhã eu vou vir com meu cabelo solto*". (Larissa, 8 anos).

Esses e outros relatos me fizeram sentir o quanto este trabalho foi produtivo e importante para o reconhecimento e valorização da África e da afrodescendência entre os alunos, refletindo positivamente na autoimagem e autoestima dos mesmos.

**6º momento:** Nas semanas seguintes começaram por conta própria a trazerem fotos de pessoas negras com os mais diversos tipos de cabelos, o que pode ser interpretado como um despertar dos alunos para a pesquisa como produção de conhecimento sobre o mundo, estimulados pelos questionamentos desenvolvidos durante as atividades. Fizemos um mural na sala de aula e, aos poucos, os alunos acrescentaram suas próprias fotos, inclusive os meninos que não quiseram ser fotografados anteriormente.

Trabalhamos valores de respeito à diversidade e dessa forma todas as crianças independentemente da cor da sua pele, ou do tipo de seu cabelo se sentiram valorizadas. Pude perceber neles uma resignificação da estética e da beleza negra, com consciência de solidariedade de uma origem comum após vivenciarem concretamente que a maneira como abordamos África pode desconstruir imaginários negativos e reconstruí-los positivamente de forma lúdica, prazerosa e crítica.

No Brasil e no mundo inteiro são profunda as marcas das desigualdades e do racismo. Lutar por igualdades de direitos faz parte do cotidiano de negros e afrodescendentes que até hoje são marginalizados, sofrem com o racismo e a falta de condições igualitárias seja na educação, ou vida profissional no mercado de trabalho e em outras esferas da vida. É o que apontam os dados de pesquisas recentes sobre desigualdade étnico-racial no Brasil e no mundo, conforme a citação a seguir, retirada de um website voltado à Educação.

“ Um estudo recente apontou que em fábricas um trabalhador branco ganha até 75% mais do que um negro.

É claro que os negros alcançaram algumas vitórias, mas a realidade

ainda está longe da ideal. Ainda vivemos o mito da democracia racial, e segundo o IBGE precisaremos de pelo menos 20 anos de políticas afirmativas no Brasil para fomentar a igualdade entre negros e brancos.

Atualmente, a população negra no Brasil ainda está em desvantagem em relação aos brancos em todos os itens, como violência, renda, educação, saúde, emprego, habitação e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Segundo um relatório da ONU, não existe região ou estado brasileiro em que a condição de vida da população negra seja melhor do que a da população branca.

A ONU sugere que todos os países busquem uma ação conjunta entre governo e sociedade para combater o racismo no país e melhorar as condições de vida da população negra.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em <http://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-situacao-dos-negros-no-mundo-atual.html>. Acesso em 06 de jan.2017

#### 4 AVALIAÇÃO

Avaliei todo o processo numa roda de conversa com as crianças sobre o teor das aulas, sua relevância social e seu potencial para revemos conceitos, para que essas reelaborações tenham durabilidade e sejam verdadeiramente assimiladas. As crianças gostaram muito, e pediram para realizarmos a atividade de novo. Queriam que eu relesse a história várias vezes, e pediram para fazermos um salão de beleza novamente. Reli várias vezes a história, e repetimos o salão de beleza.

Sabemos que o conhecimento é o resultado de um processo dinâmico e sem fim. Como afirma Ubiratan D'Ambrósio “conhecimento é o substrato da ação comportamental ou simplesmente do comportamento, que é a essência do estar vivo: e isso permite qualquer ser vivo interagir com seu meio ambiente.” (D'AMBRÓSIO, 1997). Assim sendo, percebi a mudança que este trabalho causou, pois, as crianças descobriram a razão de um fato (no caso, a origem dos cabelos cacheados) sem precisar de técnicas artificiais de memorização e sim vivenciando e relacionando-se com o aprendizado, contextualizando-o. E a partir da descoberta da origem de seus cabelos e de seus corpos carregados de história, abriram-se para o conhecimento sobre a História da África, dos afrodescendentes no Brasil e para o reconhecimento e valorização da diversidade étnico-racial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança como protagonista do seu desenvolvimento cumpre um papel importante e fundamental no processo educativo. Acredito que com a experiência que deu base à proposta de intervenção didática proposta neste trabalho, conseguimos demonstrar em sala de aula que democratizar a escola, não exige apenas garantir vagas, mas é essencial oferecer condições para que os alunos desenvolvam ao máximo suas potencialidades, capacidade de questionar e, aos poucos, constituam consciências cidadãs que possam criticar as ideias eurocêntricas que ao longo dos tempos vem se constituindo a partir das imagens e representações sobre a África e sobre nossa própria humanidade, colonizando corpos e consciências e, dessa forma, reproduzindo desigualdades e produzindo sujeitos com baixa autoestima e pouco senso de cidadania

Acredito numa prática pedagógica que considere o concreto, ou seja, a vida e os acontecimentos reais do mundo e o processo de conhecimento do aluno. Nas palavras do educador brasileiro Paulo Freire:

“ A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...] A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço \_ o sítio das avencas de minha mãe \_, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo com o mundo de minhas primeiras leituras. Os ‘textos’, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto...se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais [...] a decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular... Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; os gravetos, o meu giz.” (FREIRE 1996, p. 11-15)



Mostrando ao aluno que ele, seu corpo, sua família, seu bairro, fazem parte de um mesmo todo e que cumprem um papel social muito importante e fundamental no processo educativo. Instigando capacidades de questionar, saber ouvir e opinar.

Desta forma acredito que este trabalho obteve êxito, e que meus objetivos foram alcançados.

**6 ANEXOS PORTFÓLIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

Capa do livro trabalhado



- De onde vêm tantos cachinhos?, a pergunta se mantém.

A África é um continente com vários países





Exposição dos desenhos







Produção de texto Lábrios.

Planos.

Professora Rosana.

o cabelo de tati

Era uma vez uma menina chamada  
Tati.

Tati não gostava nem comê-las nem

bebê-las.

Um dia ela recebeu algumas  
das suas amigas em um dia.

Quando elas chegaram elas tinham

uma caixa de um fabricante que tinha

então ela ficou feliz e passou a gostar

das suas amigas.

Fim.

20 de Junho de 2008

Reescrita do livro:

*O Cabelo de Lelê.*

Era uma vez, uma menina chamada Lelê.

Lelê não gostava nem compreendia seus cabelos cacheados.

Um dia, ela resolveu pesquisar sobre seus cabelos em um livro.

Descobriu que seus cabelos são herança da África, de seu pai, de seu avô.

Então ela ficou feliz e passou a gostar de seus cabelos.



## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Belem, Valéria. **O Cabelo de Lelê**.. IBEP (2012)

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura : estratégias de leitura**. Maringá, Eduem, 2000.

BORDONI, Thereza. **Da Unidade para a Diversidade através da Educação**. Disponível

em:<[http://www.cmconsultoria.com.br/novo/iframe/ver\\_artigo.phd?fonte=cm\\_news&codigo=8007](http://www.cmconsultoria.com.br/novo/iframe/ver_artigo.phd?fonte=cm_news&codigo=8007)> Último acesso em 14 de jan. de 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFFANN, Jussara. Avaliação: **mito e desafio: uma perspectiva construtivista** - Porto Alegre: Mediação, 2009. 40 ed.

MIRANDA, Juliana. **A situação do negro atual**. Disponível em: <<http://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-situacao-dos-negros-no-mundo-atual.html>. Último acesso em 08/01/2017> Último acesso em 14 de jan. de 2017

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos afro-asiáticos**. 25, 3 (2003), p. 421-461. Disponível em: <[http:// \www.scielo.br\scielo.phd](http://www.scielo.br/scielo.phd).> Último acesso em 14 de jan. de 2017